



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^ª EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Consumismo: quem realmente está sendo consumido?

Vitória Joaquina Tavares Resende* (IC), Thainá Silva Perez (IC), Márcia Von Frühauf
Firme (PQ).

Viihres24@gmail.com

Palavras-Chave: Consumismo; Química; Educação Ambiental.

Área Temática: Estudos CTSA e Educação Ambiental.

Resumo:

Este trabalho discute o consumismo como temática de educação ambiental em uma intervenção pedagógica. A motivação surgiu a partir do vídeo “A História das Coisas”, que evidenciou a sociedade consumista atual e os impactos da lógica de mercado sobre o planeta. A proposta buscou estimular a reflexão crítica dos adolescentes sobre seus hábitos de consumo e as consequências ambientais, sociais e culturais que deles decorrem. A intervenção envolveu a exibição do vídeo, aplicação de questionários e uma atividade prática de troca de objetos, ainda que esta última tenha tido baixa adesão. Os resultados revelaram que, embora os estudantes reconheçam o termo consumismo, muitos o confundem com consumo necessário, e a maioria associa bem-estar à aquisição de novos bens, demonstrando resistência em mudar hábitos. A pesquisa evidencia a dificuldade de transformar discurso em prática e aponta a necessidade de ações educativas mais consistentes e envolventes. Conclui-se que, embora os resultados imediatos tenham sido limitados, a experiência foi significativa para compreender os desafios da educação ambiental crítica, reafirmando a importância de inserir a temática do consumismo nas escolas para a formação de sujeitos conscientes, críticos e capazes de repensar suas práticas cotidianas em favor da sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A motivação para este trabalho, sobre consumismo, surgiu a partir da proposição de atividades de uma componente do curso de Química Licenciatura que aborda a educação ambiental. Nesta, foi necessário planejar, desenvolver e analisar, um projeto de intervenção relacionado à temática da educação ambiental, em uma sala de aula de Educação Básica. A escolha do tema consumismo ocorreu após assistirmos e conversarmos sobre vídeo intitulado “A História das Coisas”, que evidencia como vivemos em uma sociedade altamente consumista. O vídeo ressalta que, na verdade, nada desaparece da Terra, ou seja, não existe o conceito de “jogar fora”, e chama atenção para os impactos do consumo exagerado e desenfreado em nosso planeta. A partir disso discutimos sobre o consumismo, um tema pouco refletido no primeiro contato com educação ambiental, mas quando pensado em sua problemática apresenta-se como a grande causa da exploração dos recursos naturais em razão do lucro que o estímulo ao consumo gera. Por isso, é importante abordar este tema com adolescentes do ensino médio, uma vez que estão mais sujeitos à motivação de consumir em função de uma futilidade, sem a consciência dos impactos de seus atos ao meio ambiente. Neste contexto, objetivamos promover a discussão e a reflexão sobre as consequências do estilo de vida consumista para o planeta.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Segundo Schwanke e Cadei (2013), é fundamental reconhecer que a forma como concebemos educação ambiental em projetos de intervenção define o caráter da nossa prática, determinando se ela será mais coletiva, crítica, emancipatória, inclusiva ou não. Por isso, antes de iniciarmos qualquer ação ou proposta nessa área, é necessário definir claramente qual abordagem de educação ambiental queremos adotar.

A partir do reconhecimento de que um estilo de vida consumista contribui significativamente para a exploração dos recursos naturais, a intervenção buscou incentivar adolescentes do ensino médio a questionarem seus hábitos e compreenderem as consequências de suas escolhas cotidianas. Neste contexto buscamos propor ir além da simples transmissão de informações, estimulando o pensamento crítico e ações práticas, pretendendo contribuir para a formação de sujeitos ecologicamente conscientes de seu papel na sociedade, que sejam capazes de adotar atitudes mais sustentáveis.

REVISÃO DE LITERATURA

A educação ambiental, possui natureza ampla e interdisciplinar, esta transcende os limites das disciplinas escolares e alcança dimensões políticas, sociais, culturais, éticas e globais. Por isso sua definição não se limita a um único conceito, pois envolve muitas perspectivas e abordagens. No entanto, para fundamentar sua prática de forma clara e coerente é importante considerar a definição legal estabelecida pela Lei Federal no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Segundo essa lei, entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Brasil, 1999).

Segundo Rachel Trajber (2007), muitos dos grandes problemas ambientais que enfrentamos hoje em dia, podem ser relacionados com a apropriação e uso de bens, produtos e serviços, suportes da vida e das atividades de uma sociedade historicamente construída sobre uma dura lógica de mercado. Desde que observou-se pelos primeiros economistas que a produção tem como finalidade o consumo, a economia estabeleceu como objetivo aumentá-lo, e assim, o consumo foi remodelado em consumismo e passou a ser entendido como sinônimo de bem-estar e felicidade. Entretanto, esse consumo vem se tornando também o causador de uma série de problemas sociais, ambientais e até psicológicos, o qual não aparenta ser a definição de sinônimo de felicidade.

Dessa forma, torna-se fundamental promover a conscientização acerca dos impactos negativos do consumo exagerado, assim como já ocorre com outras questões amplamente debatidas, como a poluição e o aquecimento global. É

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44ª EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

essencial dar visibilidade ao consumismo, uma vez que este frequentemente constitui a base dos principais problemas ambientais enfrentados atualmente.

Trajber (2007), argumenta ainda que é necessário exercermos uma dimensão profundamente humana: a responsabilidade. Isso implica reconhecer a existência de um sistema de valores mais amplo, que vá além das motivações individualistas e competitivas impostas por agentes externos. Como o consumismo tende a fragmentar as decisões ao reduzi-las ao âmbito individual, assumir a responsabilidade social e ambiental fortalece a iniciativa de cada pessoa em prol de um esforço coletivo.

Essa reflexão propõe uma mudança de padrões: Em vez de enxergarmos nossas escolhas de consumo como ações isoladas, devemos compreendê-las como parte de uma rede de impactos sociais e ecológicos. Ao adotar uma postura ética e consciente, o indivíduo se torna agente de transformação, contribuindo para uma cultura que valoriza o bem comum acima do interesse pessoal. Esse exercício de responsabilidade é, portanto, essencial para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos. No entanto,

A cultura do consumo, em particular, encoraja a mentira. A publicidade é um dos meios culturais que mais a sanciona. Manter as pessoas num estado constante de falta, em desejo perpétuo, fortalece a economia de mercado. O desamor é uma bênção para o consumismo. (Hooks, 2021, p. 61)

Como aponta Hooks (2021), a cultura do consumo se sustenta, em grande parte, na criação e manutenção de desejos artificiais. Para que o sistema continue funcionando, é necessário que as pessoas nunca estejam plenamente satisfeitas, e é essa sensação constante de falta que alimenta o consumismo. A publicidade desempenha um papel central nesse processo ao associar felicidade, sucesso e afeto à aquisição de bens materiais. Nesse cenário, a mentira deixa de ser uma exceção e passa a ser um recurso estratégico: produtos prometem o que não podem cumprir, estilos de vida são idealizados e identidades são moldadas pelo que se consome. O consumismo, portanto, não apenas explora necessidades reais, mas fabrica carências emocionais, fazendo com que o desamor se torne terreno fértil para o crescimento desenfreado da lógica mercantil. Ao invés de suprir necessidades humanas autênticas, o consumismo as transforma em instrumentos de manipulação e lucro.

Corroborando a perspectiva de Hooks, Keynes (1999, *apud* Rocha e Barros, 2006) observa que o desenvolvimento da riqueza material esteve acompanhado pelo surgimento de múltiplas necessidades: as absolutas, que podem ser satisfeitas, e as relativas, que são insaciáveis, pois crescem conforme aumentam as condições socioeconômicas e as interações sociais. Além disso, consolidou-se a crença de que o consumo de bens seria um caminho para alcançar a felicidade.

A aproximação entre as ideias de Hooks e Keynes ajuda a entender que o consumismo vai além da compra de bens materiais, ele atua diretamente na forma como as pessoas pensam, sentem e se relacionam. Ao estimular constantemente o

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44ª EDEQ - 4º Profqquisul
NOVA PRATA/RS

sentimento de falta, o sistema faz com que os indivíduos busquem no consumo uma maneira de preencher vazios emocionais e alcançar reconhecimento social. Dessa forma, o consumo deixa de ser apenas uma forma de atender necessidades e passa a funcionar como um meio de controle, fazendo com que as pessoas acreditem que precisam sempre de mais para serem felizes ou aceitas. Esse processo reforça um ciclo de insatisfação contínua, no qual a realização pessoal é sempre adiada em favor da lógica do mercado.

Segundo Costa (2011), a educação é o melhor caminho para a transformação da sociedade, sendo ela fundamental para o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: Cognitivas, afetivas e sociais. Atualmente, observa-se uma sociedade carente e necessitada de respeito, dignidade, qualidade de vida, moradia, emprego entre outros. Além de vivermos em uma sociedade irresponsável, esta tem manifestado o consumismo através dos seus atos, causando a insustentabilidade do planeta.

Assim, a educação age como instrumento para a construção de um cidadão consciente, participativo e responsável. A proposta da educação ambiental é despertar no indivíduo a compreensão de que ele é parte integrante do meio ambiente. Suas ações, portanto, podem tanto contribuir para a conservação quanto para a degradação do planeta, podendo preservar a vida ou levá-la à extinção. É por meio da consciência crítica e ambiental que atitudes mais responsáveis e eficazes serão adotadas. Dessa forma a educação ambiental no âmbito do ensino é hoje fundamental para construção do caráter crítico e sensível dos estudantes para com o planeta e com todos os seres vivos. Considerando assim, todo o meio que vive sendo importante tanto em sua individualidade como de modo coletivo.

METODOLOGIA

Este trabalho, de abordagem qualitativa utiliza alguns princípios da metodologia do tipo intervenção pedagógica (Damiani *et al*, 2013), que envolve o planejamento, a execução e avaliação dos efeitos da intervenção, descrevendo cada etapa e elaborando explicações admissíveis ancoradas nas informações obtidas durante seu desenvolvimento. Segundo os autores, é “um tipo de pesquisa investigativa, que pode contribuir para a diminuição da distância entre a prática educacional e a produção acadêmica, por ser capaz de produzir conhecimento educacional” (Damiani *et al*, 2013, p.58).

O planejamento da intervenção, seu desenvolvimento e avaliação ocorreu de abril a junho de 2025. Iniciou pela elaboração do projeto, escolha do tema, objetivo e argumentos que justificassem a intervenção. O desenvolvimento ocorreu em duas turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola localizada no município de Bagé - RS, estas foram chamadas de A e B, durante dois encontros de 50 minutos cada.

A intervenção na sala de aula foi dividida em três etapas principais: sensibilização, reflexão crítica e vivência prática. Primeiro, foi apresentado o vídeo ‘A

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^º EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

história das coisas', com o objetivo de despertar a atenção dos estudantes e estimular questionamentos iniciais sobre seus próprios hábitos. Este vídeo questiona padrões sociais de consumo impostos pela indústria e seus efeitos sociais e ambientais, foi escolhido considerando a linguagem acessível aos adolescentes e a capacidade de gerar identificação com situações do cotidiano. Após o vídeo, realizamos um questionário com perguntas abertas, para incentivar os alunos a refletirem criticamente sobre o que foi assistido e sobre sua relação com o consumo. As perguntas, apresentadas no quadro 1, abordam temas como o sentimento ao adquirir novos objetos, o destino de bens não utilizados, o hábito de comprar itens usados e a possibilidade de mudança de comportamento, para identificar percepções e estimular o diálogo em sala.

Quadro 1: Perguntas do questionário realizado com os alunos

1. A partir do que foi visto, você se considera uma pessoa consumista? Por que?
2. Você se sente melhor ao adquirir coisas novas, como roupas, etc?
3. Você costuma trocar seus aparelhos eletrônicos mesmo que estejam funcionando?
4. O que faz com coisas que não utiliza mais? Você costuma doar?
5. Você costuma comprar em brechós, bricks ou comprar coisas usadas?
6. Antes do vídeo você já tinha ouvido falar sobre consumismo?
7. A partir de agora, você pensa em mudar algum hábito? Qual? ou acha que é irrelevante mudar pequenas coisas?
8. O que mais incomodou você no vídeo? E o que mais gostou?

Para encerrar a intervenção, realizamos uma atividade prática de troca de objetos entre os próprios alunos. A turma foi convidada a trazer de casa itens em bom estado que não utilizam mais, como roupas, livros, acessórios ou objetos diversos. Esses itens foram organizados em um espaço da escola, criando uma "Feira de Trocas". A troca ocorreu diretamente entre os alunos, incentivando o senso de coletividade. Ao final, foi sugerido aos alunos que refletissem sobre os aprendizados, os sentimentos despertados pela troca, e se houve mudança em sua maneira de ver o consumo.

As respostas do questionário das turmas A e B foram organizadas em forma de quadro e discutidas de forma conjunta, considerando poucos alunos em cada uma das turmas. Para identificar as respostas dos alunos foram utilizados os códigos A1B, onde A1 significa aluno 1, e B a turma que este frequenta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira etapa, poucos alunos da turma A estavam presentes, obteve-se um total de 14 respostas, apresentadas nos Quadros 1 e 2. Todos pareciam prestar atenção no vídeo que estava passando, mas não pareciam engajados em continuar na segunda etapa quando foram convidados a levar objetos que não usavam mais.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química



Já na turma B, a maior parte dos alunos estava presente, totalizando 18. Eles se mostraram bastante interessados no início do vídeo, contribuindo para o silêncio do ambiente e concentração de todos, porém, com o passar do tempo foi perceptível que estes estavam entediados e perdendo o foco do vídeo, o que acaba sendo percebido também nos resultados dos questionários.

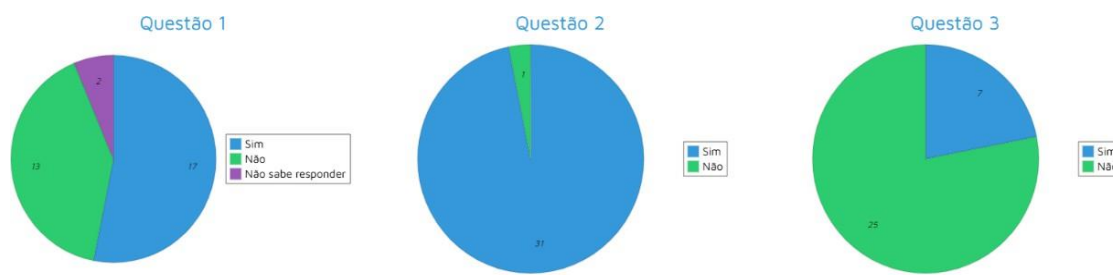


Figura 1: Gráficos correspondentes às respostas respectivas das questões 1, 2 e 3.

A análise dos dados obtidos em ambas as turmas revela aspectos importantes sobre a percepção dos alunos sobre o consumismo. Quando o aluno A1B responde a questão 1 do questionário, com a seguinte resposta: “Sim, me considero. Pois precisamos ir ao mercado e comprar alimentos, assim como outras coisas”. Percebe-se uma confusão conceitual comum entre consumo e consumismo. Enquanto o consumo é uma necessidade básica inevitável, o consumismo refere-se ao ato de consumir de forma exagerada, muitas vezes sem necessidade. A resposta indica que há lacunas na compreensão do tema. O que aponta para necessidade de um trabalho mais educativo nesse campo.

Os dados quantitativos mostraram que, quando questionados sobre se consideravam consumistas, 53,12% responderam afirmativamente, ou seja, mais da metade dos alunos. É importante lembrar que o consumismo, atualmente, está naturalizado em práticas cotidianas, muitas vezes reforçado pela mídia e pelas redes sociais, o que dificulta sua percepção crítica. Entretanto, é necessário considerar que eles podem estar associando erroneamente o consumo com o consumismo.

A segunda pergunta do questionário trouxe um dado ainda mais significativo: 96,87% dos alunos afirmaram que se sentem melhor ao adquirir coisas novas. Esse resultado é revelador, pois sugere que, mesmo aqueles que não se reconhecem como consumistas, sentem os efeitos emocionais positivos associados a ele.

Muitas vezes a compra de produtos, especialmente em contextos marcados por pressões sociais ou emocionais, pode funcionar como uma forma de obter alívio momentâneo, reforçar pertencimento ou até mesmo buscar status. Como apontam Rocha e Barros (2006), o consumo na sociedade contemporânea se configura como uma linguagem cultural, em que os produtos assumem um papel simbólico, representando estilos de vida, valores e formas de pertencimento social. Embora não tratem especificamente do público adolescente, suas reflexões permitem compreender como os indivíduos, ao consumirem, não apenas satisfazem



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

necessidades materiais, mas também constroem e comunicam aspectos de sua identidade.

Nesse sentido, é possível considerar que, para adolescentes em formação identitária, o consumo pode se tornar um meio de expressão e reconhecimento dentro dos grupos sociais aos quais desejam pertencer.

Em relação à terceira pergunta, 75% dos alunos responderam que não costumam trocar seus aparelhos eletrônicos, porém, muitas respostas vieram acompanhadas da justificativa de que não realizavam tal atividade pela falta de dinheiro.

Nas perguntas 4 e 5, que tratam da relação dos alunos com objetos usados, observou-se que a maioria afirma doar itens que não utiliza mais (62,5%), enquanto os demais preferem guardar, vender ou, em alguns casos, trocar com amigos. Isso indica que, embora exista alguma prática de reutilização, ela ainda é limitada e, muitas vezes, condicionada por interesses pessoais ou pela praticidade. Já em relação ao consumo de produtos usados, a resistência é mais evidente: mais da metade dos estudantes (53,13%) respondeu que não costuma comprar em brechós ou adquirir objetos de segunda mão. Apenas 12,5% afirmaram comprar ocasionalmente, e 34,37% demonstraram algum interesse, especialmente por itens antigos ou móveis, o que pode estar mais relacionado a um gosto estético do que a uma consciência ambiental.

Na pergunta 6, a maioria (90,6%) já conhecia o termo consumismo, o que mostra que o conceito está presente no cotidiano dos alunos. No entanto, esse reconhecimento não necessariamente condiz que eles compreendam totalmente o conceito do consumismo, e, não demonstra mudança de atitude, ou preocupação pelo tema, mesmo afirmando conhecerem. Quando questionados sobre a possibilidade de alterar algum hábito (pergunta 7), apenas 34,4% disseram que pretendem mudar, enquanto 15,6% ficaram indecisos e metade afirmou que não pretende alterar nada. Entre os que não consideram mudar, alguns justificaram dizendo que já têm hábitos equilibrados, enquanto outros demonstraram descrença na eficácia de ações individuais.

A última pergunta revelou uma postura relativamente apática diante do conteúdo do vídeo: muitos estudantes disseram que acharam o tema interessante, mas que nada os incomodou ou impactou de maneira significativa. Isso sugere uma certa superficialidade no envolvimento emocional ou crítico com a temática.

Na segunda etapa da intervenção mais alunos estavam presentes, mas nenhum aluno das duas turmas levou algum objeto para a atividade da troca, muitos disseram ter esquecido e outros nem consideraram a ideia de levar alguma coisa, se recusando a participar da atividade. Apenas uma minoria participou de forma simbólica, trocando objetos simples como canetas. A baixa participação revela o desafio de transformar discurso em prática, especialmente quando se trata de romper com comportamentos enraizados e naturalizados, como o apego ao consumo e a dificuldade de desapegar-se de bens materiais. No entanto, essa baixa participação não pode ser atribuída apenas à resistência ao desapego material ou à falta de conscientização sobre o consumismo. Ela também reflete um problema mais amplo,



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

que é a falta de envolvimento dos alunos com os trabalhos e atividades escolares e a pouca valorização das propostas pedagógicas. A indiferença demonstrada diante da dinâmica revela um descompromisso que vai além do tema abordado, evidenciando a desmotivação dos estudantes. Com base nesse entendimento, como explica Lima (2020), a perda de interesse por algo pode causar prejuízos em diversas áreas, afetando tanto o indivíduo quanto o coletivo. Esse desinteresse leva a uma falta de envolvimento em atividades simples ou complexas, sem reconhecimento de benefícios. A motivação, nesse contexto, é influenciada por fatores biológicos e psicológicos, que determinam a disposição para agir e buscar satisfação nas situações do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e a execução da intervenção pedagógica proporcionaram uma rica experiência de aprendizagem, tanto no aspecto acadêmico quanto humano. Ao propor uma intervenção que abordasse o consumismo a partir de uma perspectiva crítica da educação ambiental, foi possível perceber como esse tema, apesar de atual e presente no cotidiano dos estudantes, ainda encontra barreiras para ser compreendido em sua complexidade e, principalmente, para gerar engajamento e mudanças concretas de comportamento.

Durante o processo, ficou evidente que despertar a consciência crítica em relação ao consumo exige mais do que apresentar informações ou realizar atividades pontuais — demanda sensibilidade, escuta ativa e conexão real com a realidade dos alunos. Apesar da proposta ter sido planejada com cuidado e intencionalidade, o envolvimento dos estudantes nem sempre correspondeu às expectativas. Esse distanciamento, no entanto, não invalida o trabalho; pelo contrário, revela os desafios reais enfrentados pelos educadores no cotidiano escolar, especialmente ao tratar de temas que exigem autorreflexão e mudança de postura.

Além disso, a baixa participação na atividade prática de troca de objetos reforça a complexidade de transformar discurso em prática, principalmente quando se trata de romper com comportamentos arraigados, como o apego a bens materiais. Ao mesmo tempo, essa experiência também levou à percepção de que há um descompasso entre as intenções pedagógicas e o interesse dos alunos, o que nos convida a pensar em estratégias mais envolventes, dinâmicas e que estabeleçam um vínculo mais direto com suas realidades, valores e motivações.

A intervenção pedagógica também serviu como um espaço de formação, permitindo a aplicação de teorias aprendidas em sala de aula e a vivência da prática docente em sua complexidade. Aprendemos que educar ambientalmente vai além da transmissão de conceitos: é um trabalho contínuo de sensibilização e construção coletiva de consciência. Também compreendemos que a mudança de hábitos é um processo gradual, que começa com pequenas reflexões e exige persistência, empatia e compromisso.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^ª EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Reafirma-se a importância de trazer para o espaço escolar discussões sobre o consumismo e seus impactos socioambientais, ainda que os resultados não sejam imediatamente visíveis. O simples fato de provocar o questionamento já representa um avanço no caminho da formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a transformação da sociedade. O desafio, agora, é dar continuidade a esse processo, buscando formas mais eficazes de engajamento e ampliando o diálogo entre escola, comunidade e meio ambiente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Cristiane Aparecida da; COSTA, Fabiana Gorricho. A educação como instrumento na construção da consciência ambiental. Nucleus, V.8 (2):421 -440, 2011. Disponível em: portal periódicos capes - Web Biblioteca e <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/594/804>. Acesso em: 12 jun. 2025.

DAMIANI, Magda. F.; ROCHEFORT, Renato. S.; CASTRO, Rafael. F.; DARIZ, Marion. R.; PINHEIRO, Silvia. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de Educação, nº 45, 2013. p. 57-67. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>. Acesso em: 31 de Jul de 2025.

Erica Priggen. A História das Coisas. 2007. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fywliXXm55g&ab_channel=CircuitoAmbiental
Acesso em: 22 mai. 2025.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LIMA, Antônio; CAVALCANTE, Antônio; TORQUATO, Camila; VANZELLA, Elído. (2020). A correlação entre desmotivação e redução do rendimento escolar: Um estudo da 3^a série do ensino médio no município de Parambu–CE. Série Educar, 24.

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. Dimensões culturais do marketing: teoria antropológica, etnografia e comportamento do consumidor. Revista de Administração de Empresas, v. 46, n. 4, p. 36–47, out. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902006000400005>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SCHWANKE, Cibele; CADEI, Marilene de Sá. Educação Ambiental. In: SCHWANKE, Cibele. Ambiente: conhecimentos e práticas (Tekne). Porto Alegre: Bookman, 2013. E-book. p.64. ISBN 9788582600115. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582600115/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

TRAJBER, Rachel . Cidadania e consumo sustentável: nossas escolhas em ações conjuntas .In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel. Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^ª EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Educação Ambiental: UNESCO, 2007. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em 22 mai. 2025.

ZANIRATO, Sílvia Helena; ROTONDARO, Tatiana. Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade. *Estudos Avançados*, v. 30, n. 88, p. 77–92, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30880007>. Acesso em: 14 jun. 2025.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química

